



## **FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: FRAGMENTOS DE UM CURRÍCULO UNIFICADO, SOB A ÓTICA DO CONCEITO DE DISPOSITIVO\***

**Glaurea Nádia Borges de Oliveira**

*gnoliveira@uneb.br*

**Universidade do Estado da Bahia (UNEB)**

### **RESUMO**

Este trabalho examina um currículo de formação em Educação Física, tendo como foco o ethos profissional projetado por esse currículo, circunscrito por uma concepção formativa entendida como ampliada ou unificada. O currículo é mirado sob a ótica do conceito foucaultiano de dispositivo e interpelado por um gesto metodológico de cunho cartográfico. Uma bipolaridade, atravessada por efeitos de subjetivação e por formas particulares de delimitação das fronteiras da área, desponta como marca da profissionalidade forjada nesse dispositivo curricular.

### **PALAVRAS-CHAVE**

*Currículo; Formação em Educação Física; Formação docente.*

### **INTRODUÇÃO**

O presente estudo toma como objeto de investigação o currículo de um curso de Educação Física de uma universidade pública, que se define como uma licenciatura de caráter ampliado ou unificado. Isso significa que o currículo em questão contesta a divisão entre licenciatura e bacharelado, assumindo-se como uma licenciatura que se propõe a formar profissionais para atuar não só na Educação Básica, mas também em espaços não escolares nos quais se desenvolvem atividades físicas, esportivas e de lazer, tais como clubes e academias.

A moldura teórico-analítica a partir da qual se problematiza o currículo é inspirada pela perspectiva foucaultiana e tem como eixo o conceito de dispositivo, cunhado por Foucault (2012; 2013; 2017) e retomado por Deleuze (1990) e Agamben (2009). Mirar o currículo como dispositivo pressupõe levar em conta os nexos entre os três domínios do trabalho de Foucault – saber, poder e sujeito – e com eles interrogar quais são as manifestações de verdade de um dispositivo curricular e quais as formas de implicação dos sujeitos nesse regime de veridicção. Disso decorre, então, a questão problematizada por esta pesquisa: quais os arranjos e efeitos de um dispositivo curricular de formação em Educação Física que se filia a uma concepção ampliada/unificada, tendo em vista as relações entre verdade, governo e subjetivação aí envolvidas?

Com esse questionamento, construímos um gesto metodológico de cunho cartográfico, forjado pelo escrutínio de documentos institucionais e pela escuta de professores, egressos e alunos do curso.



\* O presente trabalho contou com apoio financeiro da Universidade do Estado da Bahia, Bolsa PAC-DT, edital nº 017/2016.



## TRAÇOS CINDIDOS DE UM DISPOSITIVO QUE SE DESEJA UNO

As forças discursivas atuantes no currículo que constitui o objeto desta investigação posicionam o sujeito a ser formado pelo curso como alguém que seja capaz de exercer “uma função educadora de maneira ampliada, tanto na área escolar quanto em outras” (trecho extraído do projeto curricular do curso). Aqui, vislumbra-se um traço que delinea os sujeitos pretendidos pelo dispositivo curricular, que confere visibilidade aos contornos de uma das dimensões do processo de subjetivação que é engendrado nesse dispositivo – a subjetivação em seu sentido amplo, segundo a leitura desse constructo foucaultiano realizada por Castro (2016) – e ampara o regime de verdade que lhe dá forma. Esse traço, ao ser produzido no interior da perspectiva conhecida como *licenciatura ampliada* ou *formação unificada*, expõe o fluxo de uma corrente discursiva que se potencializou na constituição dos nexos de saber-poder que configuram a disputa pela significação no campo da formação em Educação Física e cuja eficácia de sugestionamento tem se corporificado nos currículos de diferentes universidades públicas.

O caráter ampliado ou unificado dessa proposição contrapõe-se ao desmembramento da formação em cursos de bacharelado e licenciatura ancorando-se no argumento de que em qualquer contexto em que a Educação Física se concretize como profissão, o que a sustentará será sempre uma ação pedagógica. Daí se depreende, segundo os arautos dessa concepção, que o núcleo (supostamente) essencial da identidade epistemológica e profissional da Educação Física, composto pela docência enquanto trabalho e pela cultura corporal enquanto objeto, não difere em função do ambiente de atuação. Assim, a formação em Educação Física deveria, num só percurso, dar conta de responder às demandas e aos problemas das suas variadas esferas de intervenção profissional. Essa é, em síntese, a racionalidade em voga no dispositivo em análise, a discursividade que aciona a sua engrenagem e, ao mesmo passo, é por ela posta em funcionamento.

Sob essa lógica, a Educação Física é anunciada pelo currículo enquanto uma profissão de diferentes atributos que devem ser dominados por um mesmo e único sujeito; ou, de forma análoga, evoca-se um sujeito-profissional apto a exercer um *amplo* inventário de funções. Nessa narrativa, pode-se entrever os nexos de saber-poder que esteiam o dispositivo curricular e as implicações de tais nexos com a produção de sujeitos (FOUCAULT, 2012). É com ela que o dispositivo tenta capturar os seres viventes com que se defronta (AGAMBEN, 2009).

Mas se os processos de subjetivação envolvem não só a projeção de um sujeito desejado (subjetivação em sentido amplo), mas também o desejo de que os sujeitos, nas relações consigo mesmos, desejem para si as posições projetadas (subjetivação em sentido restrito) – o que, a rigor, é algo sempre incerto –, convém também indagar: de que maneira os estudantes, egressos e professores respondem aos apelos que lhes são feitos pelo *ethos* desse currículo? São convencidos por esses apelos? Escapam? Recusam? Dissimulam? Reelaboram?

Se, para Deleuze (1990), o dispositivo foucaultiano é uma espécie de novelo, cujas linhas, ao se entrelaçarem, assumem formas instáveis, haverá pertinência em pensarmos que é no emaranhado das linhas do dispositivo curricular que a unidade pretendida se fragmenta, transformando-se no que aqui nomeamos como uma *profissionalidade bipolar*. Polarizações e dicotomias relativas à Educação Física não são exclusividade desse currículo, elas constituem, historicamente, as formações discursivas do campo. Licenciatura x bacharelado, ciências humanas e sociais x ciências biológicas, teorias críticas x teorias não críticas, educação x saúde... Aí estão apenas alguns exemplos das fronteiras que ditam os lugares a serem ocupados pelos profissionais da área, com ímpetos que muitas vezes beiram o maniqueísmo. No índice dessas diferentes cesuras, aquela que tem dado o tom ao andamento da maquinaria curricular em causa é uma polarização entre dois âmbitos de atuação profissional, corporificada pela oposição entre contexto escolar e contexto de promoção da saúde (não escolar), que se enreda com o posicionamento assumido pelo curso nos confrontos em torno da divisão da formação em licenciatura e bacharelado. Eis, portanto, uma primeira razão para recorrermos à ideia de bipolaridade ao problematizarmos esse currículo. O *ethos* unificador ou ampliado do dispositivo não apazigua o embate entre licenciatura e bacharelado, tampouco



entre as representações atreladas aos domínios de atuação que correspondem a cada uma dessas modalidades de formação. Ruídos dessa contenda ecoam insistentemente nas falas de alunos, egressos e professores.

Afetados pelas altercações entre esses dois polos, os alunos são persuadidos a trilharem um certo percurso formativo e a se localizarem nesse terreno de disputa. “Confusão” é o termo a que reportam com frequência ao julgarem a sua própria experiência no interior do dispositivo curricular. Um currículo que projeta a imagem de um sujeito-professor unificado, que se alia a uma ordem discursiva que tenta ensinar os sujeitos a produzirem uma experiência de si por meio dessa imagem, mas cujas estratégias parecem gerar outros efeitos, não necessariamente unificadores. Daí outra razão para o emprego da palavra bipolaridade: por alusão metafórica ao transtorno nomeado com esse termo, que designa uma perturbação caracterizada pela alternância de dois estados psíquicos opostos. O que se quer sugerir com essa metáfora é que a figura de um profissional da educação e a de um profissional da saúde, ao tentarem se inscrever num mesmo corpo, têm gerado uma tensão mal resolvida entre esses dois polos.

Segundo um grupo de alunos concluintes, o curso os confunde porque é uma licenciatura que possui mais conhecimentos voltados para a atividade do bacharel do que do licenciado, porque não lhes prepara satisfatoriamente para atuar nem na escola, nem fora dela, porque possui sua legitimidade obstruída quando o Conselho<sup>2</sup> os impede de trabalhar em espaços que não sejam a escola. Não obstante, o modelo unificado de formação, conquanto precise se reorganizar, é bem querido por esse grupo de estudantes, assim como por alguns dos egressos que participaram do estudo.

Um gesto de acusação é igualmente endereçado ao dispositivo pelos docentes que fizeram parte da elaboração do documento curricular. Acusação que também aponta o não cumprimento da função formativa proposta pelo curso, mas que, além disso, é permeada por uma espécie de recusa do arquétipo em vigor, que se elabora como potencialidade para redesenhar o dispositivo e que só se torna possível pela experiência vivenciada por esses professores dentro desse sistema de significação.

Nos relatos de egressos, destaca-se a influência desempenhada pelos docentes nos itinerários trilhados por aqueles sujeitos. A forma como os professores procedem e o lugar que assumem nos embates discursivos do dispositivo correspondem a um mecanismo vital de mediação entre a enunciação de uma verdade formativa e a aceitação dessa verdade. Ou seja, os professores, a partir de sua localização na discursividade operante e nas relações de poder, exercem um importante papel no plano político da condução de condutas, do governo de uns pelos outros (FOUCAULT, 1995; 2014; 2017), impelindo modos de ser, pensar e agir. E ao que tudo indica, a verdade mediada não tem sido a da unidade, mas a de um dos lados da polarização. Esse processo de sugestionamento é ainda condicionado pela disposição momentânea das forças entre os grupos que compõem o quadro docente. E como, por uma série de circunstâncias – afastamentos, exonerações, escassez de concursos públicos, número elevado de substitutos com contratos temporários etc. –, esse quadro tem oscilado constantemente, o modo como tais forças se correlacionam também oscila, a depender do marco temporal em que se olha para o curso.

Por fim, se o que adquire relevo nas lutas travadas no dispositivo curricular é a cisão entre campos de atuação, nem um pouco inédita na Educação Física, cabe destacar a particularidade dos contornos dessa cisão. Em certa medida, os binarismos em questão mostram-se mais enrijecidos e mais simplistas do que os binarismos da área. Tomemos como exemplo desse recrudescimento simplificador a forte vinculação do polo não escolar à esfera da promoção da saúde, que abre muito pouca margem para se pensar os territórios de intervenção profissional fora da escola, e o fortalecimento de enunciações do tipo *escola=ciências humanas=critica x não escola=ciências biológicas=não critica*, que não permitem vislumbrar os possíveis atravessamentos entre os elementos que integram essas enunciações.



<sup>2</sup> Conselho Regional de Educação Física (CREF).



## CONSIDERAÇÕES...

Sob uma perspectiva epistemológica que duvida de universalismos, as fragmentações que despontam no dispositivo curricular analisado podem ser vistas como um dado sintomático da impossibilidade de se congregarem os atributos da Educação Física numa identidade unitária. São justamente as disjunções que, ao desafiarem as identificações totalizantes, tornam possível perturbar o estabelecido, mantendo a trama do dispositivo permanentemente aberta à criação de outros modos de interpelação dos sujeitos.

As diferenciações e os conflitos sempre assumirão algum formato, por mais que se tente evitá-los por meio de esquemas pretensamente conciliadores. Resta-nos ponderar em qual modelo formativo as disputas, em si inevitáveis, podem produzir mais fragilidades para a área e para os seus sujeitos, sobretudo para aqueles que exercerão a docência na Educação Básica.

## PHYSICAL EDUCATION TRAINING: FRAGMENTS OF A UNIFIED CURRICULUM, BY THE VIEW OF THE DEVICE CONCEPT

### ABSTRACT

*This work examines a training curriculum in Physical Education, focusing on the professional ethos projected by this curriculum, circumscribed by a formative conception understood as amplified or unified. The curriculum is viewed from the standpoint of a Foucault's concept of device and questioned through a cartographic methodological gesture. A bipolarity, crossed by effects of subjectivation and by particular forms of delimitation of the boundaries of the area, emerges as a mark of the professionalism forged in this device.*

**KEYWORDS:** Curriculum; Physical Education training; Teacher training.

## FORMACIÓN EN EDUCACIÓN FÍSICA: FRAGMENTOS DE UN CURRÍCULO UNIFICADO, POR LA ÓPTICA DEL CONCEPTO DE DISPOSITIVO

### RESUMEN

*Este trabajo examina un currículo de formación en Educación Física, teniendo como foco el ethos profesional proyectado por ese currículo, circunscrito por una concepción formativa entendida como ampliada o unificada. El currículo es mirado bajo la óptica del concepto foucaultiano de dispositivo e interpelado por un gesto metodológico de cuño cartográfico. Una bipolaridad, atravesada por efectos de subjetivación y por formas particulares de delimitación de las fronteras del área, despierta como marca de la profesionalidad forjada en ese dispositivo.*

**PALABRAS CLAVES:** Currículo; Formación en Educación Física; Formación docente.



## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? In: AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. p. 25-51.
- CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- DELEUZE, G. ¿Qué es un dispositivo? In: BALBIER, E. *et al. Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-163.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. (Org.). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249
- FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. MACHADO, R. (Org.). 30. reimp. Rio de Janeiro: Graal, 2012. p. 243-276.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 41a. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FOUCAULT, M. *Do governo dos vivos: curso no Collège de France (1979-1980)*. São Paulo: Marins Fontes, 2014.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 4a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

